



UFRJ



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

UMA ANÁLISE EXPERIMENTAL DA VARIAÇÃO DAS FORMAS ACUSATIVAS TE E  
VOCÊ: INVESTIGANDO A ATUAÇÃO DA VARIÁVEL SEMÂNTICA DO VERBO.

Carolina de Sousa Caldas

Rio de Janeiro

2022

CAROLINA DE SOUSA CALDAS

UMA ANÁLISE EXPERIMENTAL DA VARIAÇÃO DAS FORMAS ACUSATIVAS TE E  
VOCÊ: INVESTIGANDO A ATUAÇÃO DA VARIÁVEL SEMÂNTICA DO VERBO.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito  
parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na  
habilitação Português/Inglês.

Orientador: Prof.º Dr. Thiago Laurentino de Oliveira

Rio de Janeiro

2022

## **Agradecimentos**

Graduar-se numa instituição como a UFRJ por si só já é motivo de orgulho, conseguir fazê-lo durante uma pandemia, mesmo diante de todas as surpresas e adversidades, é motivo de extasio. Não foi fácil chegar até aqui e se não fosse pelo apoio dos meus queridos amigos e familiares tenho certeza que a minha jornada teria sido ainda mais desafiadora.

Primeiramente quero agradecer os meus pais, Fernando e Lucia, por estarem sempre presentes e por me apoiarem em todos os momentos da minha vida. Tudo que eu sou é fruto da educação e dos valores que vocês me ensinaram desde a infância e, por isso, essa conquista também é de vocês. Obrigada por tudo!

Gostaria de agradecer também a minha irmã e melhor amiga, Fernanda, pela parceria e pelas risadas. Obrigada por me ouvir falar de linguística por anos, fingir interesse e não reclamar (muito).

Agradeço a minha psicóloga, Fabiane, por ter me acolhido com tanto carinho e por me ajudar a enfrentar desafios que muitas vezes julgo não ser capaz de enfrentar. Obrigada por sempre me incentivar a buscar minha melhor versão. Seu amparo foi essencial para essa e muitas outras conquistas.

Não poderia deixar de agradecer também ao meu orientador, Thiago, por fazer jus à palavra e ter, de fato, me orientado, com muito carinho e sabedoria, não só na feitura desse trabalho, mas em muitas outras questões. Quando fui aluna dele, logo percebi pela sua organização, compromisso e paciência que seria um ótimo orientador. Obrigada pelos ensinamentos, pelas conversas e pela amizade que desenvolvemos. Essa conquista é nossa!

Gostaria de deixar registrado também meu agradecimento a todos(as) os(as) professores(as) da graduação, em especial as professoras Carolina Serra, Silvia Brandão, Márcia Machado, Violeta Rodrigues e Célia Lopes, as minhas “mães” de língua portuguesa, pelas aulas fantásticas. Foi um privilégio ser aluna dessas mulheres tão inteligentes, espero ter absorvido pelo menos um pouco da sabedoria de cada uma delas para mim.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a todos os amigos que fiz durante esses seis anos frequentando a Faculdade de Letras, pelo companheirismo. Em especial à Andreza, Cecília e Gabriela, por serem meu grupo desde os primeiros períodos. Obrigada por serem confiáveis, por entenderem meu lado ansioso, por me ajudarem nos estudos, por fazerem os trabalhos em grupo serem suportáveis, pelas risadas e pelo incentivo

que damos umas às outras. Nossa amizade começou na UFRJ, mas tenho certeza que continuará para vida.

CALDAS, Carolina de Sousa. *Uma análise experimental da variação das formas acusativas te e você: investigando a atuação da variável semântica do verbo*. Monografia. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2022.

### RESUMO

Para esta monografia, foi elaborado um experimento de escolha induzida com objetivo de verificar a percepção dos falantes do Rio de Janeiro acerca da variação dos complementos pronominais acusativos de segunda pessoa do singular *te* e *você*. Mais especificamente, pretendíamos observar se fatores de natureza semântica ligados ao verbo predicador da sentença exerceriam alguma influência na escolha dos participantes. Para tal, utilizamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e seguimos os protocolos metodológicos da linguística experimental (SCHÜTZE; SPROUSE, 2013). A hipótese central em investigação era a de que o tipo semântico do verbo seria uma variável independente linguística que condiciona o uso das variantes *te* e *você*. Por selecionarem um complemento com papel temático de paciente, prototípico para a função de objeto direto (LUCENA, 2011), acreditávamos que os verbos que denotam *ação-processo* favoreceriam a escolha do pronome *te*, pois essa forma possui especificidade funcional de objeto direto, ao contrário de *você*, que surgiu na língua portuguesa como uma forma prototipicamente de sujeito. Os resultados da tarefa de escolha induzida indicaram, no entanto, que a referida variável semântica não parece atuar como condicionadora da variação entre *te* e *você*, uma vez que os participantes cariocas escolheram, em um número significativamente maior, as sentenças que continham a variante *te*, independentemente da semântica do verbo predicador.

PALAVRAS-CHAVE: acusativo; segunda pessoa do singular; percepção da variação.

CALDAS, Carolina de Sousa. *Uma análise experimental da variação das formas acusativas te e você: investigando a atuação da variável semântica do verbo*. Monografia. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2022.

### ABSTRACT

For this monograph, a forced-choice experiment was designed to verify the perception of Rio de Janeiro speakers about the variation of the second person singular accusative pronoun complements *te* and *você*. More specifically, we intended to observe whether semantic factors linked to the predicative verb in the sentence had any influence on the participants' choice. To this end, we used the theoretical assumptions of variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]) and followed the methodological protocols of experimental linguistics (SCHÜTZE; SPROUSE, 2013). The central hypothesis under investigation was that the semantic type of the verb would be an independent linguistic variable that conditions the use of the variants *te* and *você*. Because they select a complement with a patient thematic role, prototypical for the direct object function (LUCENA, 2011), we believed that verbs denoting action-process would favor the choice of the pronoun *te*, as this form has direct object functional specificity, unlike *você*, which emerged in the Portuguese language as a prototypically subject form. The results of the forced-choice task indicated, however, that said semantic variable does not seem to act as a conditioner for the variation between *te* and *você*, since the Carioca participants chose, in a significantly larger number, sentences that contained the variant *te*, regardless of the semantic of the predicative verb.

KEYWORDS: accusative; second person singular; perception of variation.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> -----	8
<b>2. Revisão bibliográfica</b> -----	10
2.1 <i>Estudos diacrônicos</i> -----	10
2.2 <i>Estudos sincrônicos</i> -----	12
<b>3. Pressupostos teóricos</b> -----	16
3.1 <i>A Sociolinguística variacionista</i> -----	16
3.2 <i>Aspectos semânticos como variáveis independentes linguísticas</i> -----	17
3.3 <i>A relação entre sintaxe e semântica: a forma e o sentido do objeto direto</i> -----	18
<b>4. Metodologia</b> -----	21
4.1 <i>A tarefa de escolha induzida</i> -----	20
4.1.1 <i>Desenho experimental</i> -----	22
4.1.2 <i>Materiais</i> -----	22
4.2 <i>Procedimentos</i> -----	24
4.3 <i>Participantes</i> -----	25
4.4 <i>Hipóteses e previsões</i> -----	25
<b>5. Resultados e discussão</b> -----	27
5.1 <i>Resultados quantitativos</i> -----	27
5.2 <i>Discussão</i> -----	33
<b>6. Considerações finais</b> -----	35
<b>7. Referências bibliográficas</b> -----	36

## 1.Introdução

Este trabalho se propõe a investigar, sob uma perspectiva sincrônica, a percepção da variação entre as formas *te* e *você* na função sintática de complemento acusativo de segunda pessoa do singular por falantes cariocas. Estudos anteriores sobre o tema (FARACO (2017 [1996]), LOPES E CAVALCANTE (2011), SOUZA E LOPES (2015), PIMENTA (2013), AFONSO (2017) e SCHWENTER ET AL (2018)), tanto de uso quanto de percepção dessas variantes, investigaram variáveis morfossintáticas, discursivo-pragmáticas e sociais, com pouca ou nenhuma atenção voltada para os fatores semânticos. Diante disso, nosso objetivo é, além de verificar como os falantes do Rio de Janeiro percebem as referidas variantes acusativas, testar se variáveis independentes semânticas atuam como condicionadoras desse fenômeno em variação.

A fim de realizar a análise, utilizamos da metodologia da linguística experimental para desenvolver um experimento de escolha induzida. Uma vez que esta pesquisa foi desenvolvida no contexto de distanciamento social decorrente da pandemia da COVID-19 (ao longo de 2021), o experimento foi aplicado remotamente e respondido de maneira voluntária por participantes cariocas. Na tarefa experimental, os participantes foram expostos a minidiálogos e precisavam completá-los com uma frase final. Para tanto, deveriam escolher entre duas opções, cada uma delas apresentando uma das variantes pronominais em estudo. Abaixo, podemos observar um exemplo de um dos minidiálogos que integravam o experimento e as duas sentenças experimentais que apareciam como opções para escolha:

1. Ana e Beatriz estão conversando na beira da piscina.

Ana: A Maria é muito desastrada!

Beatriz: Por quê? Eu não acho...

Ana: Como não? Ela espirrou água em mim pulando na piscina!

Ah, mas ela te molhou sem querer. \ Ah, mas ela molhou você sem querer. (*Experimento 1*)

Com a aplicação deste experimento, pretendemos responder a seguinte pergunta: a semântica do verbo predicador influencia a escolha dos falantes acerca da variação das formas *te* e *você* em função de objeto direto? A nossa hipótese, baseada na pesquisa funcionalista de Lucena (2011), responde positivamente a essa questão: defendemos que o tipo semântico do verbo pode definir a escolha de uma variante acusativa em detrimento da outra. Isso porque, segundo Lucena (2011), há uma correlação sintático-semântica entre a função de objeto direto e o papel temático de paciente. Nesse sentido, postulamos que os verbos que denotam ação e implicam mudança de estado do objeto direto (e, portanto, atribuem papel temático de



paciente ao seu complemento) favoreceriam a escolha da variante *te* (morfologicamente especificada para a função acusativa). Por outro lado, verbos que exprimem eventos psicológicos, mais abstratos (e, por isso, não selecionam um complemento paciente) favoreceriam a escolha da variante *você*.

No que diz respeito às variáveis independentes controladas, elaboramos, com base na proposta de Lucena (2011) e Borba (1996), a variável linguística *tipo semântico verbal*. Além disso, dada a natureza sociolinguística deste estudo, controlamos também outras três variáveis extralinguísticas: sexo, faixa etária e nível de escolaridade dos participantes.

Esta monografia foi organizada da seguinte maneira: no capítulo 2, apresentamos a revisão bibliográfica de trabalhos diacrônicos e sincrônicos sobre o tema, com o objetivo de retomar contribuições relevantes e identificar o estado em que se encontra o estudo do fenômeno em pauta. Depois, no capítulo 3, delineamos a fundamentação teórica utilizada na feitura do trabalho, retomando conceitos teóricos importantes descrevendo os trabalhos que serviram de base para a elaboração da hipótese. No capítulo 4, detalhamos a metodologia experimental desenvolvida para elaborar a tarefa de escolha induzida, esclarecendo como se deu todo o processo. No capítulo 5, apresentamos os resultados experimentais bem como a sua discussão. Finalmente, no capítulo 6, destacamos as contribuições mais relevantes a partir dos resultados obtidos.

## 2. Revisão Bibliográfica

Neste capítulo revisaremos brevemente alguns trabalhos relevantes para o estudo da variação dos complementos acusativos de segunda pessoa do singular. O nosso olhar terá como foco as formas de interesse para esta monografia, *te* e *você*. Primeiramente, mencionaremos os estudos de cunho diacrônico, que tratam da entrada da forma pronominal *você* na língua portuguesa e os desdobramentos relacionados a esse processo de mudança. Na segunda parte, traremos as pesquisas sincrônicas e suas contribuições acerca da análise da variação entre *te* e *você* no português brasileiro.

### 2.1 Estudos diacrônicos

O artigo de Faraco (2017 [1996]) faz um apanhado histórico sobre o pronome *você* no Português. Para esta monografia, destacaremos o que o autor comenta sobre os complementos de segunda pessoa do singular para contextualizar o nosso objeto de estudo. O linguista explica que, entre os séculos XIV e XVIII, o Português mudou a forma de tratar o interlocutor, deixando de fazer concordância com a segunda pessoa verbal e passando a concordar com a terceira pessoa. As formas utilizadas naquela época eram sintagmas nominais de terceira pessoa e consistiam em uma maneira metonímica de fazer referência ao rei. Ao longo dos anos, após sofrer muitos processos, uma dessas formas, o *Vossa Mercê*, veio a se tornar o pronome *você*, mantendo a característica morfossintática da concordância de terceira pessoa do singular, mas com referência semântica à segunda pessoa.

O linguista mostra ainda que gramáticas tradicionais reprovam o que chamam de “mistura de tratamento”, como por exemplo usar *você* como sujeito e *te* como objeto, mesmo que tal estratégia seja amplamente utilizada por todo o país.

Outro trabalho de cunho histórico sobre o tema é o artigo de Lopes e Cavalcante (2011). Utilizando cartas pessoais escritas no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, as autoras analisam as consequências da inserção do *você* no português do Brasil, já mencionadas por Faraco (2017 [1996]). Em especial, elas focam na correlação entre o avanço dessa nova forma em posição de sujeito e a manutenção do clítico *te* como complemento acusativo e dativo. Para esta monografia, vale mencionar o quadro elaborado pelas pesquisadoras que mostra a correlação entre as formas utilizadas na função de sujeito e as variantes de acusativo utilizadas nas cartas.

Tabela 1: Formas acusativas de segunda pessoa e o uso do sujeito.

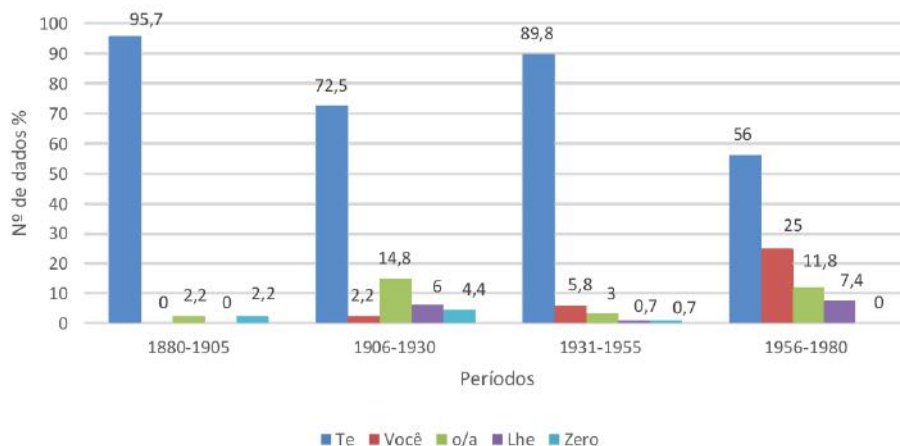
Formas acusativas de segunda pessoa e o uso do sujeito					
Acusativo \ Sujeito	Te	Você	Ø	Clítico <i>a</i>	Total
Tu (exclusivo)	35/36 97.2%	-	-	1/36 2.8%	36
Você (exclusivo)	03/04 75%	01/04 25%	-	-	4
Tu/você (misto)	55/64 85%	7/64 11%	2/64 3%	-	64
Total	93/104 90%	8/104 7,8%	2/104 1,9	1/104 0,3	104

Fonte: Lopes Cavalcante, 2011, p. 53

As autoras encontraram três padrões de uso do sujeito pronominal de segunda pessoa: *tu* exclusivo, *você* exclusivo e *tu/você* misto. Quanto às formas de objeto direto (acusativo), foram detectadas quatro variantes: *te*, *você*, *objeto nulo* e *clítico a*. Podemos verificar que a forma *te* é a variante de complemento acusativo predominante, independentemente do padrão de uso de sujeito observado. Nem mesmo nas cartas com uso exclusivo de *você* na posição de sujeito a variante acusativa *você* foi produtiva. Além disso, é interessante observar que o complemento *você*, que atualmente é considerado o principal concorrente de *te* nesse contexto sintático, aparece sendo utilizado nessa função com um tímido percentual de, aproximadamente, 8%. Esse resultado sugere que há, no português brasileiro, um comportamento diferenciado das formas pronominais de segunda pessoa a depender da função sintática analisada.

Em Souza e Lopes (2015), encontramos uma análise histórica que focaliza exclusivamente a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular na função de acusativo. As autoras se propõem a “acompanhar cronologicamente o comportamento da 2ª pessoa em função de complemento verbal acusativo (objeto direto) observando sua associação com o espraiamento de *você* na posição de sujeito” (SOUZA E LOPES, 2015, p.901). Para tal, elas utilizam a sociolinguística histórica para analisar cartas pessoais escritas por cariocas entre 1880 e 1980. Nesse período se deu a implementação de *você* no sujeito, que, nas décadas de 1920-1930, começou a superar o *tu* nessa posição sintática. Porém, de acordo com as pesquisadoras, a posição de complemento verbal não registra comportamento similar, como podemos observar no gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1: distribuição das formas acusativas ao longo de um século



Fonte: Souza Lopes, 2015, p. 909.

No gráfico 1, elaborado pelas autoras a partir dos dados coletados, vemos os índices de uso das formas acusativas durante o período estudado. É interessante observar que a variante *te* foi a forma mais utilizada durante todo o século, mas, no período a partir das décadas de 1920-1930, quando *você* começa a se consolidar na posição de sujeito, os dados de *você* como objeto direto também começam a aumentar, ainda que registrando uma baixa frequência. As principais conclusões das autoras são:

“(i) a forma na posição de sujeito condicionou, em parte, o uso da estratégia acusativa, (ii) o pronome original *te* foi a estratégia mais produtiva como pronome acusativo de 2ª P, e, em função disso, (iii) a posição acusativa é mais resistente à entrada do pronome *você*, o que evidenciaria, no Rio de Janeiro, uma generalização da forma *te* em função acusativa na 2ª pessoa do singular.” (SOUZA E LOPES, 2015, p. 912).

O artigo de Souza e Lopes (2015) faz um apanhado diacrônico muito relevante para esta monografia sobre os complementos acusativos, pois nos fornece pistas sobre o comportamento do pronome *você* nessa posição sintática. Entretanto, cabe ressaltar que tanto nas análises de Lopes e Cavalcante (2011) quanto nas de Souza e Lopes (2015) não foram controladas variáveis de natureza semântica. Em ambos os estudos, o enfoque foi na descrição da ocorrência das variantes e sua possível correlação com as formas empregadas na posição de sujeito.

Na próxima seção, revisaremos três estudos de caráter sincrônico que exploraram a variação da segunda pessoa do singular na função de objeto direto.

## 2.2 Estudos sincrônicos

A dissertação de Pimienta (2013) é um dos poucos trabalhos sincrônicos que trata especificamente do uso das variantes de acusativo de segunda pessoa do singular. A autora utilizou como metodologia a realização de entrevistas sociolinguísticas, a coleta de conversas instantâneas de um *site* de relacionamento e a aplicação de testes de atitude linguística para analisar as formas pronominais utilizadas por falantes do Rio de Janeiro em situações consideradas espontâneas e semiespontâneas.

Os dados levantados foram organizados entre “segunda pessoa apelativa” e “segunda pessoa não apelativa”, que correspondem, respectivamente, a formas pronominais com referência definida e arbitrária. Além disso, a pesquisadora também separou os dados de acordo com o tipo de predicação, simples (com um núcleo verbal) e complexa (com mais de um núcleo verbal). Para esta monografia, são relevantes os dados de segunda pessoa apelativa e de predicação simples.

Na análise das entrevistas sociolinguísticas e das conversas espontâneas, Pimienta (2013) verificou que a forma *te* é a variante mais frequente nas orações simples, com um índice de 80,8% (109 de 135 ocorrências), seguida da forma *você* (11,9% - 16/135 dados), do objeto nulo (4,4% - 6/135), da forma *tu* (2,2% - 3/135) e da forma *o senhor* (0,7% - 1/135). No teste de atitude linguística, o objetivo da pesquisadora era verificar o status das variantes *te*, *você* e *tu* na posição de objeto direto. O intuito, em especial, era investigar se o baixo índice da forma *você* estaria atrelado a uma rejeição de uso por parte dos falantes. O teste foi elaborado na forma de questionário de avaliação subjetiva, em que os participantes deveriam julgar o grau de naturalidade de orações de predicação simples com objeto direto de segunda pessoa do singular.

Os resultados do teste de atitude mostraram que ambas as variantes, *te* e *você*, tiveram um alto índice de aceitação, recebendo avaliações positivas, mesmo quando apareciam associadas ao sujeito *você*. Porém, ao discutir os resultados, Pimienta (2013) menciona que, apesar de ser bem aceita e avaliada, a forma *você* registra baixo índice de uso frente à variante *te*. O referido trabalho é de grande relevância para esta monografia, pois os resultados indicaram que há uma preferência significativa por parte dos falantes cariocas pela variante acusativa *te*, em consonância com o que os dados diacrônicos apontam. Além disso, a autora atestou que tal preferência não teria um condicionamento social, ou seja, a razão para o baixo índice de uso da forma *você* não pode ser atribuída a uma rejeição ou estigma da variante na comunidade de fala carioca.

Em sua monografia, Afonso (2017) também explorou o uso de complementos pronominais. O foco da autora foi a tradução (dublagem e legenda) de seriados televisivos. Ela selecionou três seriados produzidos originalmente em língua inglesa para verificar se o uso dos pronomes-complemento seria diferente na versão legendada e na versão dublada para o português brasileiro. A hipótese era de que a tradução das legendas seria mais conservadora, por evocar uma consciência normativa da língua escrita, e, por isso, a chamada “mistura de tratamento” (o uso de *você* no sujeito e de *te* como complemento) seria evitada. A tabela a seguir apresenta uma síntese dos resultados.

Tabela 2: estratégias de escolha de complemento acusativo por modalidade.

Modalidade	Estratégias						total
	Te	lo/a	Lhe	o/a	Zero	Você	
Dublagem	37/59 62%	6/59 10%	1/59 2%	0/59 0%	7/59 12%	8/59 14%	59
Legenda	6/59 10%	16/59 27%	14/59 24%	4/59 7%	7/59 12%	12/59 20%	59
total geral	43(36%)	22(18%)	15(13%)	4(3%)	14(12%)	20(18%)	118

Fonte: Afonso, 2017, p. 40.

Os dados levantados mostram que, de fato, a tradução para legenda é mais conservadora. Os tradutores privilegiam o emprego das formas *-lo/a* e *lhe*, bastante artificiais para muitos falantes do português brasileiro (por exemplo, os falantes cariocas) como estratégias de segunda pessoa do singular. Por outro lado, na tradução para dublagem a forma *te* é mais frequente e os empregos observados são mais coerentes com o que os estudos sincrônicos apontam ser o mais próximo do uso real da língua.

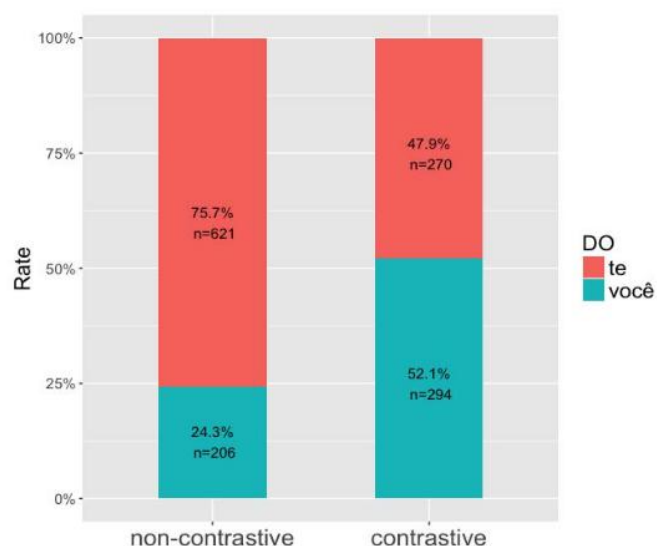
Afonso (2017) observou também que as produtoras responsáveis pela compra da tradução de seriados estrangeiros exercem influência sobre as escolhas linguísticas feitas nas traduções. Os resultados da autora mostraram uma diferença significativa entre as legendas dos seriados de TV a cabo (AXN e FOX), que foram mais conservadores, e as dos seriados do serviço de streaming (Netflix), que utilizou a forma *te* em 6 das 19 ocorrências registradas.

Partindo do uso para a percepção, encontramos o artigo de Schwenter *et al.* (2018), que utilizaram a metodologia experimental para investigar a variação das formas *te* e *você* de objeto direto no português brasileiro. A hipótese dos pesquisadores era que o pronome *você* seria preferencialmente escolhido em contextos pragmaticamente marcados, em que há um foco de contraste em um referente objeto direto que compete com outro referente na mesma sentença. Por isso, os autores defendem que a variação de segunda pessoa do singular pode

ser explicada por fatores discursivo-pragmáticos, fortemente ligados a motivações funcionais (SCHWENTER *et al.*, 2018, p. 262).

Os dados experimentais foram obtidos através de um questionário online que foi respondido por falantes brasileiros. Os participantes eram expostos a uma série de perguntas no modelo de escolha induzida e instruídos a escolher a sentença com a forma (*te* ou *você*) que eles usariam no dia a dia. Os resultados mostraram que, apesar de ocorrer também em contextos não contrastivos, o pronome *você* foi significativamente mais escolhido em contextos marcados por contraste e que, quanto maior era o grau de contraste, maior era o índice de escolha dessa variante. Além disso, enquanto *te* foi preferido em contextos de contraste negativo, *você* é a escolha mais comum em contextos de contraste positivo. Na figura abaixo, temos uma síntese dos resultados gerais do questionário.

Figura 1: Resultado de escolha de pronome por tipo de contexto



Fonte: Schwenter et al, 2018, p. 272

Esse estudo também é de grande importância para esta monografia, pois, além de ser uma pesquisa sincrônica que adotou a metodologia experimental, traz informações inovadoras sobre o objeto de estudo que compartilhamos. De certo modo, o resultado positivo, na direção da hipótese defendida por Schwenter *et al.* (2018), nos motivou a desenvolver um experimento metodologicamente semelhante, porém com o intuito de testar outra hipótese: a influência da semântica do verbo predicador sobre a escolha das variantes *te* e *você*. O embasamento teórico desta hipótese será apresentado no próximo capítulo, que trará também outros pressupostos teóricos adotados.

### 3. Pressupostos teóricos

Neste capítulo, apresentaremos, em linhas gerais, a perspectiva teórica que nos serviu de base para a elaboração desta monografia. Além disso, descreveremos os conceitos que nos serviram de base teórica para a elaboração da hipótese de pesquisa.

#### 3.1 A Sociolinguística variacionista

A Sociolinguística é uma teoria que trata a língua e a sociedade como dois eixos intimamente interligados. Diferentemente de outras perspectivas de análise, que entendem a língua como uma estrutura autônoma, a Sociolinguística assume que a língua é uma estrutura maleável, passível de variações e mudanças, e que interage continuamente com os fatores sociais, relacionados à sociedade que a utiliza. É na fala e no uso espontâneo da língua que a sociolinguística foca seus estudos. Por isso, acredita-se que a análise de fatores como idade, naturalidade e grau de escolaridade do falante (entre outros) seja tão relevante para entender o funcionamento da língua quanto a análise de fatores linguísticos, internos à estrutura gramatical.

A esta teoria interessa explicar, por exemplo, o motivo de os falantes do Sul do país preferirem a forma *tu* para se referir ao interlocutor, enquanto no Sudeste a forma preferida é *ocê*. De acordo com William Labov, um dos precursores da Sociolinguística, “tão logo eliminarmos a suposta associação entre estrutura e homogeneidade, estaremos livres para desenvolver os instrumentos formais necessários para lidar com a variação inerente dentro da comunidade de fala.” (LABOV, 2008 [1972], p. 238).

Para o presente estudo, cabe revisar alguns conceitos importantes para o entendimento das nossas hipóteses. O primeiro deles é o próprio conceito de variação linguística. Entende-se a variação como um fenômeno natural a qualquer língua, que pode ter motivação linguística (fatores estruturais internos à língua) ou extralinguística (fatores que excedem o nível da língua, geralmente de natureza social) e é passível de descrição e análise. Além disso, a variação também é sistemática, previsível e está presente em vários eixos.

Variantes e variáveis são outros dois conceitos importantes. O primeiro diz respeito a formas equivalentes que podem estar em “competição” ou que dividem um mesmo lugar estrutural ou lexical. Já o segundo diz respeito aos fenômenos linguísticos que, como o nome já sugere, são variáveis, ou seja, estão passando por um processo de variação. Os últimos conceitos a serem revisados são os de variáveis dependentes e independentes. A variável



dependente nada mais é do que o fenômeno estudado. Já a independente diz respeito a fatores linguísticos e sociais que podem condicionar, ou seja, favorecer ou desfavorecer, o uso de uma variante em detrimento de outra. Por isso, as variáveis independentes também são conhecidas como fatores condicionadores.

Nesta monografia, a nossa hipótese é que o tipo semântico verbal é um fator condicionador da variação entre os pronomes acusativos de segunda pessoa do singular. Em outras palavras, nosso propósito é investigar se a variável linguística *tipo semântico do verbo* é relevante para a variação dos pronomes acusativos *te* e *você*, que, por sua vez, são as variantes desse fenômeno. Além disso, controlaremos também algumas variáveis extralinguísticas como sexo, faixa etária e grau de escolaridade.

### ***3.2 Aspectos semânticos como variáveis independentes linguísticas***

Não é muito comum nos estudos sociolinguísticos encontrarmos aspectos semânticos como variáveis independentes. Apesar disso, existem trabalhos que evidenciam a influência de traços semânticos sobre fenômenos variáveis. No capítulo “A interferência das variáveis semânticas” do livro *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação* (MOLLICA, BRAGA 2020), Gryner e Omena elencam alguns deles.

O traço semântico de *animacidade* é um dos exemplos elencados pelas autoras. Elas citam a tese de Paredes Silva (1988), que estudou a alternância entre SN pleno, pronome e anáfora zero em sujeitos de terceira pessoa na escrita formal. A autora constatou forte correlação entre a animacidade do referente e a escolha da forma pronominal, ou seja, quando o referente é animado a tendência de escolha é o pronome.

Outro exemplo de variável semântica mencionado por Gryner e Omena (2020) é a indeterminação. O exemplo apresentado é o estudo de Mollica (1977), que analisou as estratégias de relativização em cartas do século XVIII - XX e identificou que o uso do pronome cópia era favorecido quando o SN (sintagma nominal) antecedente tinha os traços semânticos [+ específico] e [- coletivo].

Como exemplo mais atual de uma pesquisa que utilizou traços semânticos como variáveis independentes, podemos citar o artigo de Lopes e Guedes (2020), que reporta os resultados principais da dissertação de Guedes (2017). As autoras utilizaram a metodologia experimental para investigar a variação dos pronomes possessivos de terceira pessoa do singular, *seu* e *dele*, no português brasileiro. A hipótese era que a escolha dos pronomes possessivos estaria correlacionada com a natureza semântica do referente possuidor. Os

resultados obtidos indicaram que a forma *seu* foi bem avaliada em todos os contextos controlados, enquanto a forma *dele* foi mais favorecida quando o referente possuidor é mais animado.

### 3.3 *A relação entre sintaxe e semântica: a forma e o sentido do objeto direto*

Tendo em vista que pretendemos explorar a semântica dos verbos nesta monografia, foi necessário adotar uma tipologia que desse conta desse critério de classificação. Para tanto, adotamos a proposta de Borba (1996), que é retomada e adaptada por Lucena (2011).

Borba (1996) subdivide os verbos em quatro categorias: verbos de ação, de processo, de ação-processo e de estado. Os verbos de ação são aqueles que indicam a realização de uma atividade por um sujeito agente. Nessa categoria, o autor inclui tanto os casos de verbo de ação física, mais concreta, quanto os exemplos de ação mental, mais abstrata. No entanto, nesta monografia, adotaremos a proposta adaptada por Lucena (2011) para estes verbos. Segundo a autora, “o verbo de ação também pode designar uma atividade mental, como um sentir ou perceber. Nesse caso, o sujeito é um experienciador.” (LUCENA, 2011, p.16). Dessa forma, a autora subdivide a classe dos verbos de ação em duas: os de ação física, como em (2), e os de ação mental, como em (3)<sup>1</sup>:

2. A velha gritava desaforos.
3. Marta ouve música.

Já a categoria dos verbos de processo reúne aqueles que expressam um evento que afeta um sujeito paciente ou experienciador, como nos exemplos abaixo:

4. A chuva parou.
5. O bebê acordou.

Quanto à classe dos verbos de ação-processo, Borba (1996) afirma que eles “expressam uma ação realizada por um sujeito agente (...), que afeta o complemento. A ação-processo sempre atinge um complemento que expressa uma mudança de estado, de condição ou de posição, ou, então, algo que passa a existir.” (BORBA, 1996, p.59). Abaixo, seguem exemplos de frases com verbos de ação-processo:

6. Diana tricotou uma blusa.
7. O raio partiu uma árvore.

---

<sup>1</sup> Todos os exemplos mencionados aqui foram extraídos de Borba (1996).

Por fim, o autor menciona a classe dos verbos de estado. São aqueles que, como o rótulo sugere, não expressam nenhum tipo de atividade, mas denotam um estado de coisas, uma condição ou ainda uma propriedade do sujeito, como exemplificado abaixo:

8. Fernando tem três filhos.
9. Léo está cansado.

Utilizando a proposta de Borba (1996) com o intuito de caracterizar a função sintática de objeto direto no português, Lucena (2011) estabelece, a partir de dados de uso coletados em amostras de fala e escrita contemporâneas, as características de um objeto direto prototípico. Segundo ela, “do ponto de vista semântico: o OD é afetado ou efetuado pela ação verbal, isto é, seu papel temático corresponde ao de paciente da ação.” (LUCENA, 2011, p. 27). Sendo assim, a autora assume, com base nos seus resultados quantitativos (ver na tabela 3), que os verbos que selecionam argumentos pacientes são os prototípicos para sentenças transitivas.

Tabela 3: frequência dos tipos semânticos de verbos

<b>Tipo semântico de verbo</b>	<b>Fala</b>	<b>Escrita</b>	<b>Total</b>
Ação-processo	493 (56%)	116 (48, 5%)	609 (54, 4%)
Ação (tipo 1)	110 (12,5%)	50 (21%)	160 (14, 2%)
Estado	108 (12, 1%)	23 (9, 6%)	131 (11, 8%)
Processo	96 (10, 9%)	29 (12, 2%)	125 (11, 2%)
Ação (tipo 2)	73 (8,3%)	21 (8,8%)	94 (8,4%)
Total	880 (100%)	239 (100%)	1.119 (100%)

Fonte: Lucena 2011, p. 17.

Com base nos achados e hipóteses de Lucena (2011), podemos estabelecer algumas relações da pesquisa da autora sobre a função de objeto direto e o objeto de estudo desta monografia, que envolve a mesma função sintática. A variante *te*, historicamente, sempre exerceu a função sintática de complemento verbal. A utilização de *te* como sujeito de uma oração gera uma agramaticalidade no português: “\*Te vai ao mercado”, no sentido de “Tu/Você vai ao mercado”. Em contrapartida, a variante *você* surgiu na língua portuguesa fortemente relacionada à função sintática de sujeito, como tem apontado os estudos diacrônicos. Sabemos que, em termos prototípicos, a função de sujeito se correlaciona com o papel temático de agente, que constitui o sujeito lógico, nos termos de Duarte (2003).

Posto isso, nossa hipótese é que o tipo semântico do verbo é uma variável que condiciona a variação dos complementos acusativos de segunda pessoa do singular *te* e *você*. Esse condicionamento se daria do seguinte modo: em sentenças com verbos de ação-processo,

que selecionam um objeto direto paciente, a variante *te* seria favorecida, dadas as suas propriedades formais de pronome-complemento; já em sentenças com verbos de ação-mental, que não selecionam objeto direto paciente, a variante *você* seria favorecida, tendo em vista a não especificidade desses verbos quanto ao complemento paciente (o papel temático atribuído por esses verbos é o de tema). No próximo capítulo, detalharemos a metodologia construída a fim de pôr à prova a hipótese acima mencionada.

## 4. Metodologia

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Conforme já mencionamos em outros pontos do texto, desenvolvemos um estudo de cunho experimental e, como é de costume, apresentaremos todos os protocolos adotados. Subdividimos o presente capítulo em quatro seções: a primeira trata do tipo de experimento que aplicamos; a segunda relata todos os procedimentos de aplicação; a terceira traz informações sobre os participantes do experimento; a quarta e última reúne as hipóteses e previsões a serem testadas.

### 4.1 A tarefa de escolha induzida

Para analisar se o tipo semântico do verbo é uma variável linguística que influencia a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular *te* e *você*, desenvolvemos um experimento linguístico conhecido como tarefa de escolha induzida (do inglês, *forced-choice task*). Nesse tipo de teste, são apresentados dois ou mais estímulos linguísticos (palavras, sintagmas ou sentenças) aos participantes e eles devem escolher aquele que julgam ser o mais aceitável, o mais natural ou o mais próximo do que eles acreditam que usariam no cotidiano (cf. SCHÜTZE; SPROUSE, 2013).

As principais vantagens em adotar esse tipo de experimento são: a possibilidade de ser aplicado a distância, algo que foi necessário devido ao distanciamento social decorrente da pandemia do Sars-Cov-2, iniciada em 2020; a possibilidade de obter uma quantidade razoável de participantes em um breve período de tempo, fato que está diretamente relacionado a sua fácil aplicabilidade; o seu formato relativamente simples e direto, no qual os participantes precisam apenas ler os enunciados e escolher qual opção se aproxima mais do que usaria normalmente; a possibilidade de confrontação direta entre as condições experimentais, o que não é viável em outros tipos de teste (como os de escala numérica, por exemplo); o seu alto poder estatístico para detectar diferenças entre as condições.

Assim como todo experimento, este também apresenta algumas limitações metodológicas que precisam ser mencionadas. Por ter sido aplicado a distância, a pesquisadora não pôde supervisionar a aplicação e, dessa forma, não foi possível verificar se havia fatores externos que pudessem interferir nas respostas dos participantes, tais como interrupções, ruídos no ambiente de realização e consulta a outros indivíduos presentes. Além disso, apesar de a tarefa de escolha induzida sinalizar se há diferença na percepção entre as condições experimentais, não é capaz de mensurar o tamanho dessa diferença (como seria possível em um julgamento em escalas, por exemplo).

Feitas as considerações gerais sobre o tipo de experimento utilizado, passaremos à descrição do desenho experimental desenvolvido para verificar a percepção dos pronomes *te* e *you* em construções com tipos semânticos verbais diferentes.

#### 4.1.1 Desenho experimental

Adotamos um desenho experimental do tipo 2x2, no qual controlamos duas variáveis independentes: a variável *tipo de pronome*, com dois níveis (*te* ou *you*), e a variável *tipo semântico do verbo*, também com dois níveis (*verbo de ação-processo* e *verbo de ação mental*). A fim de projetar uma tarefa com uma extensão confortável para os participantes, foram criadas duas versões do experimento: a versão 1, que apresentava sentenças com verbos de ação-processo, e a versão 2, que continha sentenças com verbos de ação mental. A variável dependente do experimento foi o índice de escolha dos pronomes. Abaixo, reproduzimos dois exemplos de enunciados experimentais utilizados no experimento:

10. Lucas e Mateus estão na aula de artes.  
 Lucas: Não podemos esquecer de colocar o avental.  
 Mateus: É verdade, lembra do que aconteceu?  
 Sim, eu *te* sujei de tinta na aula passada. | Sim, eu sujei *you* de tinta na aula passada.

11. Carla e Felipe estão conversando.  
 Felipe: É verdade que você e o Júlio terminaram?  
 Carla: Sim, não dava mais pra continuar, sabe?  
 Eu *te* entendo completamente. | Eu entendo *you* completamente.

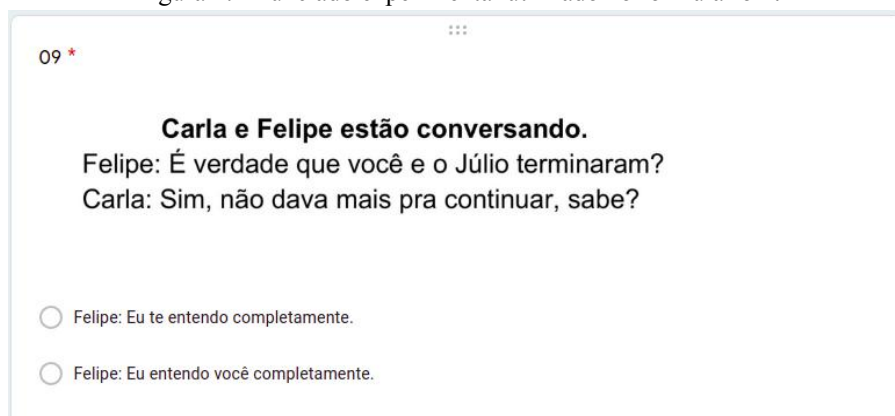
#### 4.1.2 Materiais

Para cada versão do experimento, elaboramos quatro sentenças experimentais. Na versão 1, havia quatro itens experimentais contendo sentenças com verbos de *ação-processo* (“maquiar”, “molhar”, “queimar” e “sujar”) e, na versão 2, quatro contendo sentenças com *verbos de ação mental* (“adorar”, “atrapalhar”, “entender” e “perdoar”). Organizamos os enunciados em dois formulários eletrônicos, cada qual com quatro itens experimentais e oito itens distratores. Adotamos uma configuração entre sujeitos (*between-subjects*), segundo a qual os participantes que responderam a versão 1 só visualizaram frases com verbos de *ação processo*, enquanto os participantes que responderam a versão 2 só visualizaram frases com verbos de *ação mental*. Quanto à variável *tipo de pronome*, todos os participantes foram expostos a enunciados com *te* e com *you*, uma vez que eles apareciam nos pares de opções a serem escolhidas.

Os enunciados experimentais foram construídos da seguinte forma: havia um minidiálogo que simulava uma conversa entre duas pessoas, X e Y, em que X e Y eram nomes

próprios. Após a leitura do minidiálogo, o participante deveria escolher entre as duas sentenças a que, em sua opinião, melhor representaria a fala da pessoa Y. Ambas as sentenças eram orações de sujeito simples e incluíam um dos oito verbos mencionados. A única diferença entre elas era que cada uma continha um pronome de segunda pessoa do singular diferente. Abaixo, segue um exemplo de enunciado experimental:

Figura 1: Enunciado experimental utilizado no formulário 2.



09 \*

⋮

**Carla e Felipe estão conversando.**  
Felipe: É verdade que você e o Júlio terminaram?  
Carla: Sim, não dava mais pra continuar, sabe?

Felipe: Eu te entendo completamente.

Felipe: Eu entendo você completamente.

Fonte: elaboração própria.

Os enunciados experimentais e distratores foram organizados com o auxílio do aplicativo de gerenciamento de pesquisas *Google Forms*. O aplicativo gerou um link que permitia o acesso aos formulários, que foram compartilhados com os participantes por e-mail e por aplicativos de mensagens, como o *WhatsApp*. Os enunciados eram apresentados de maneira semialeatória, divididos em quatro seções: em cada seção, os participantes eram expostos a dois enunciados distratores e apenas um experimental; o enunciado experimental nunca era o primeiro da sequência. Na figura 2, reproduzimos o modo como os participantes do formulário 1 viam o primeiro conjunto de enunciados do experimento.

Figura 2: Exemplo da primeira seção do experimento no *Google Forms*

01 \*

**Alexandre e Guilherme estão conversando depois da aula.**

Alexandre: Onde vamos almoçar hoje?  
 Guilherme: Não sei, estava pensando no bandeirão.  
 Alexandre: Deus me livre, a Joana viu uma minhoca no alface.

Guilherme: A Joana já disse que ela estava mentindo sobre isso.

Guilherme: A Joana já disse que estava mentindo sobre isso.

---

02 \*

**Jorge e Cláudia estão conversando sobre um acidente.**

Jorge: Hoje cedo um prédio desabou em Niterói.  
 Cláudia: Sim, muito triste.  
 Jorge: Será que muita gente morreu?

Cláudia: O jornal disse que morreram dez pessoas.

Cláudia: O jornal disse que dez pessoas morreram.

---

03 \*

**Joana e Fernanda se encontraram no shopping.**

Joana: Nossa, como você está diferente!  
 Fernanda: Você também! Já tem um tempo que a gente não se vê.  
 Joana: Pois é, quando foi a última vez?

Fernanda: Quando eu te maquiei pra festa de formatura.

Fernanda: Quando eu maquiei você pra festa de formatura.

Fonte: elaboração própria.

## 4.2 Procedimentos

Todo o processo de montagem, divulgação e aplicação do experimento foi feito de maneira remota, via internet. Os links que convidavam para a participação no experimento foram compartilhados em grupos de *WhatsApp*. Ao manifestar interesse em responder de maneira voluntária, o participante clicava no link e era direcionado para página inicial do formulário, na qual encontrava a explicação sobre a tarefa e um termo de consentimento, que deveria ser preenchido antes do início efetivo do experimento.

Em seguida, o participante passava por quatro telas com os itens do experimento. Cada tela continha dois itens distratores e um experimental. Para avançar, era necessário escolher uma opção para cada item. Na última tela, havia um pequeno questionário para levantamento de dados sociais dos participantes, como idade, escolaridade, sexo/gênero e naturalidade. Por fim, o participante clicava em “enviar” e suas respostas eram



automaticamente registradas pelo *Google Forms*. A maioria dos participantes relataram que acharam a tarefa de fácil execução e que utilizaram um dispositivo móvel (celular ou tablet) para fazê-la.

### **4.3 Participantes**

Recebemos um total de 94 respostas, sendo 43 no formulário 1 e 51 no formulário 2. Sobre o perfil dos participantes, com relação ao gênero, 77 eram do sexo feminino e 21 do sexo masculino. Quanto à idade, 71 se enquadravam na faixa etária dos 15 a 35 anos, 14 na dos 36 a 55 anos e 9 declararam ter 56 anos ou mais<sup>2</sup>. Com relação à escolaridade, 28 participantes declararam ter ensino médio completo e 66 informaram que possuíam o ensino superior (em andamento ou completo). Quanto à naturalidade, todos declararam ser naturais e moradores do Rio de Janeiro. A atuação dos participantes foi totalmente voluntária e, de modo a preservar suas identidades, as respostas eram registradas anonimamente, já que em nenhum campo do formulário foram solicitados dados pessoais como nome completo, endereço de e-mail ou número de celular.

### **4.4 Hipóteses e previsões**

Nesta monografia, pretendemos testar a hipótese de que a variável *tipo semântico do verbo* de uma oração condiciona a variação dos pronomes *te* e *você* na posição de objeto direto. Essa hipótese foi elaborada a partir do estudo de Lucena (2011), que explora as interfaces da relação gramatical de objeto direto. De acordo com a autora, há uma correlação entre a função sintática de objeto direto e o papel temático de paciente, visto que é o verbo que determina o papel temático dos argumentos. Dessa forma, o objeto direto prototípico é, sob o ponto de vista semântico, “o termo efetuado pela ação verbal, isto é, seu papel temático corresponde ao de paciente da ação.” (LUCENA, 2011, p. 27).

Uma vez que a forma *te* possui uma especificidade funcional de OD, diferentemente do pronome *você*, que é uma forma não especializada e surgiu na língua na posição sintática de sujeito (prototipicamente relacionada ao papel temático de agente), acreditamos que, quando a semântica do verbo exigir um objeto paciente, os participantes escolherão significativamente mais as opções com o pronome *te*. Por outro lado, quando o verbo não

---

<sup>2</sup> Para o recorte das faixas etárias, nos baseamos no modelo adotado pelo projeto *Corporaport* (<https://corporaport.letas.ufrj.br/>)

exigir um objeto direto semanticamente prototípico, os participantes escolherão preferencialmente as sentenças com o pronome *você*.

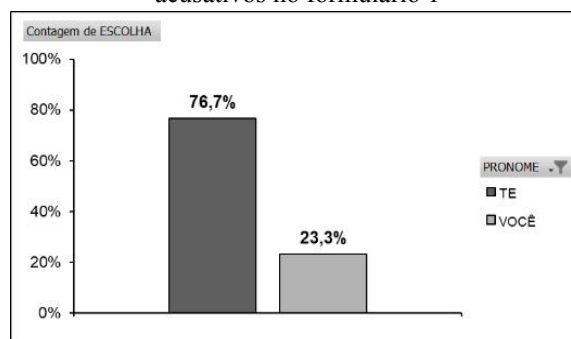
Para o experimento, escolhemos trabalhar com os verbos de *ação-processo* que, segundo Lucena (2011, p. 17), “está intimamente relacionado ao evento transitivo prototípico”, e com os verbos de *ação mental*, pois são os que mais se afastam, segundo a autora, do objeto direto prototípico. Dessa forma, a nossa previsão experimental é que os participantes escolherão mais as sentenças com a variante *te* no formulário 1, que reúne verbos de *ação-processo*, e mais a variante *você* no formulário 2, com verbos de *ação mental*.

## 5. Resultados e discussão

### 5.1 Resultados quantitativos

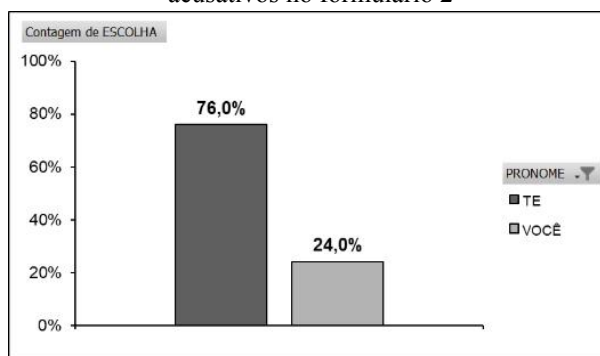
Agrupamos as respostas dos participantes em uma planilha e, em seguida, realizamos as análises de estatística descritiva no *Microsoft Excel*. Apresentaremos, primeiramente, os resultados gerais, a fim de verificar se o tipo semântico verbal favoreceu a escolha de uma variante de segunda pessoa do singular em detrimento de outra. Os gráficos abaixo trazem uma síntese dos resultados globais:

Gráfico 2: índices percentuais da escolha dos pronomes acusativos no formulário 1



Fonte: elaboração própria

Gráfico 3: índices percentuais da escolha dos pronomes acusativos no formulário 2

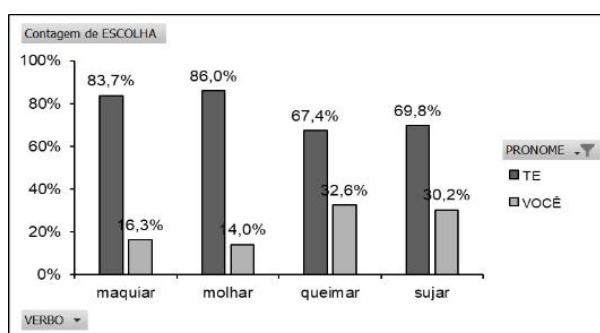


Fonte: elaboração própria

Nos gráficos 2 e 3, podemos verificar os índices percentuais que traduzem os padrões de escolha do tipo de pronome acusativo (*te* ou *você*) apresentados pelos participantes. Observamos que o pronome *te* foi o preferido pela maioria dos participantes em ambos os formulários, alcançando uma porcentagem de 76,7% no formulário 1 (o que equivale a 132 das 172 escolhas registradas) e, no formulário 2, 76% (o que equivale a 155 das 204 escolhas registradas). Já o pronome *você* teve uma porcentagem de 23,3% no formulário 1, (o que equivale a 40 das 172 escolhas registradas) e, no formulário 2, 24% (o que equivale a 49 das 204 das escolhas registradas).

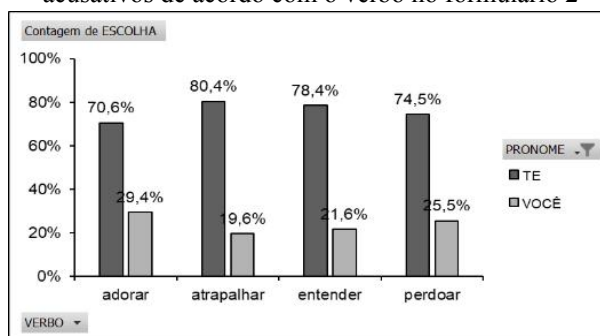
Em termos descritivos, esses índices percentuais revelam que as escolhas dos participantes refletem a expressão variável do objeto direto de 2SG, com o predomínio da variante *te* sobre *você*, independentemente do tipo semântico do verbo (*ação-processo* ou *ação-mental*). Com o intuito de verificar se as diferenças percentuais observadas nos gráficos são estatisticamente relevantes, aplicamos o teste de qui-quadrado aos dados experimentais. O resultado do teste apontou que as diferenças são significativas em ambos os formulários (formulário 1:  $\chi^2 = 49,20$ ,  $p < 0,001$  e formulário 2  $\chi^2 = 55,08$ ,  $p < 0,001$ ). Vejamos, a seguir, a distribuição das escolhas quanto aos verbos utilizados nas frases experimentais:

Gráfico 4: índices percentuais da escolha dos pronomes acusativos de acordo com o verbo no formulário 1



Fonte: elaboração própria

Gráfico 5: índices percentuais da escolha dos pronomes acusativos de acordo com o verbo no formulário 2



Fonte: elaboração própria

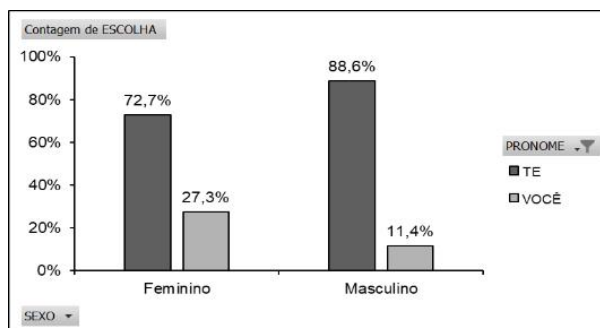
Como podemos notar no gráfico 4, no formulário 1, para a frase com o verbo *maquiar*, 83,7% das escolhas foram para a opção com o pronome *te* (36 das 43 respostas registradas) e 16,3% para a opção com o pronome *você* (7 das 43 respostas registradas). O teste de qui-quadrado apontou que essa diferença é significativa ( $\chi^2 = 19,55$ ,  $p < 0,001$ ). Para a sentença contendo o verbo *molhar*, 86% das escolhas foram para a opção com o pronome *te* (37 das 43 respostas registradas) e 14% para a opção com o pronome *você* (6 das 43 respostas registradas). O teste de qui-quadrado apontou que essa diferença também é significativa ( $\chi^2 = 22,34$ ,  $p < 0,001$ ). Para a frase com o verbo *queimar*, 67,4% das escolhas foram para a opção

com o pronome *te* (29 das 43 respostas registradas) e 32,6% para a opção com o pronome *você* (14 das 43 respostas registradas). A análise com o qui-quadrado também apontou significância ( $\chi^2 = 5,23$ ,  $p < 0,05$ ). Por fim, para a frase com o verbo *sujar*, 69,8% das escolhas foram para a opção com o pronome *te* (30 das 43 respostas registradas) e 30,2% para a opção com o pronome *você* (13 das 43 respostas registradas). Como nos demais casos, o teste de qui-quadrado apontou que a diferença é significativa ( $\chi^2 = 6,72$ ,  $p < 0,01$ ).

Já no formulário 2, cujos dados aparecem resumidos no gráfico 5, para a frase com o verbo *adorar*, 70,6% das escolhas foram para a opção com o pronome *te* (36 das 51 respostas registradas) e 29,4% para a opção com o pronome *você* (15 das 51 respostas registradas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença foi significativa ( $\chi^2 = 8,64$ ,  $p < 0,01$ ). Para a sentença com o verbo *atrapalhar*, 80,4% das escolhas foram para a opção com o pronome *te* (41 das 51 respostas registradas) e 19,6% para a opção com o pronome *você* (10 das 51 respostas registradas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença foi significativa ( $\chi^2 = 18,84$ ,  $p < 0,001$ ). Para a frase com o verbo *entender*, 78,4% das escolhas foram para a opção com o pronome *te* (40 das 51 respostas registradas) e 21,6% para a opção com o pronome *você* (11 das 51 respostas registradas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença foi significativa ( $\chi^2 = 16,49$ ,  $p < 0,001$ ). Para a sentença com verbo *perdoar*, 74,5% das escolhas foram para a opção com o pronome *te* (38 das 51 respostas registradas) e 25,5% para a opção com o pronome *você* (13 das 51 respostas registradas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença foi significativa ( $\chi^2 = 12,25$ ,  $p < 0,001$ ).

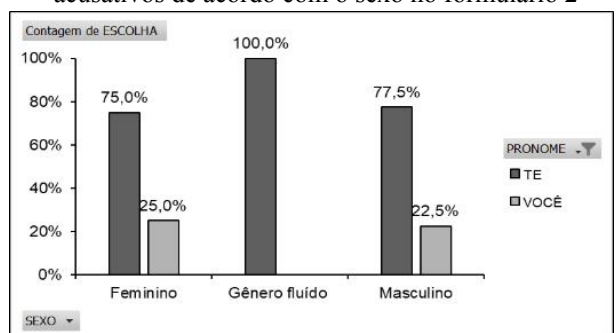
Além da variável *tipo semântico verbal*, também analisamos algumas variáveis extralinguísticas: o sexo, a faixa etária e escolaridade dos participantes.

Gráfico 6: índices percentuais da escolha dos pronomes acusativos de acordo com o sexo no formulário 1



Fonte: elaboração própria

Gráfico 7: índices percentuais da escolha dos pronomes acusativos de acordo com o sexo no formulário 2

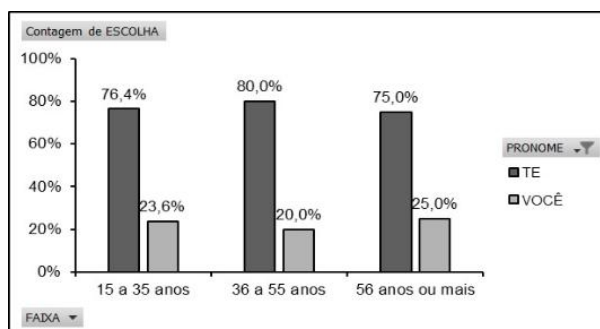


Fonte: elaboração própria

Nos gráficos 6 e 7, podemos observar os índices percentuais de escolha dos pronomes acusativos de acordo com o sexo dos participantes. No formulário 1, vemos que as mulheres escolheram a opção com o pronome *te* em 72,7% das respostas (93 de 128) e em apenas 27,3% das vezes a opção com o pronome *você* (35 de 128). Quanto aos participantes homens, o padrão de escolha foi de 88,6% para as opções com o pronome *te* (39 de 44) e 11,4% para as opções com o pronome *você* (5 de 44). No formulário 2, as mulheres escolheram a opção com o pronome *te* em 75% das respostas (120 das 160 respostas) e em apenas 25% das vezes escolheram a opção com o pronome *você* (40 das 160 respostas). Quanto aos participantes homens, o padrão de escolha foi de 77,5% para as opções com o pronome *te* (31 das 40 respostas) e 22,5% para as opções com o pronome *você* (9 das 40 respostas).

Passemos aos índices relativos à variável faixa etária:

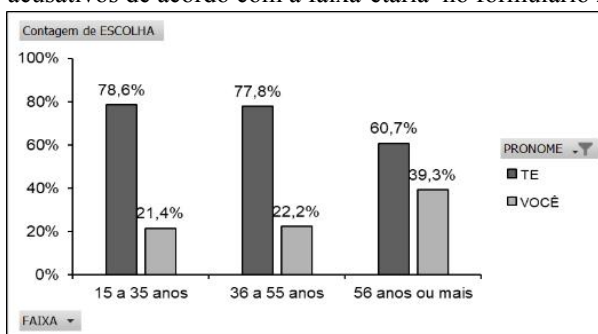
Gráfico 8: índices percentuais da escolha dos pronomes acusativos de acordo com a faixa-etária no formulário 1



Fonte: elaboração própria

<sup>3</sup> Como vemos no gráfico 7, um dos participantes que respondeu o formulário 2 se identificou como sendo gênero fluido. Todas as suas escolhas foram para a opção com a variante *te*.

Gráfico 9: índices percentuais da escolha dos pronomes acusativos de acordo com a faixa-etária no formulário 2



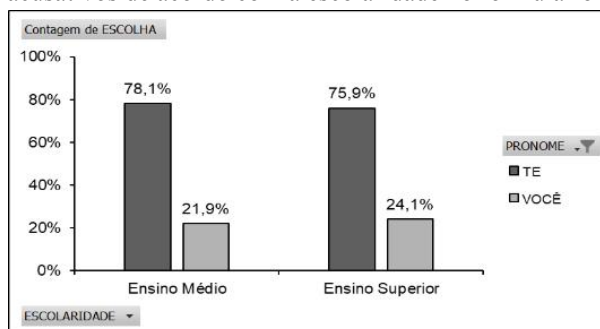
Fonte: elaboração própria

Nos gráficos 8 e 9, podemos verificar os índices percentuais de escolha dos pronomes de acordo com a faixa-etária dos participantes. No formulário 1, dos participantes que têm entre 15 e 35 anos, 76,4% escolheram as opções com o pronome *te* (110 das 144 respostas) e 23,6% escolheram as opções com o pronome *você* (34 das 144 respostas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença é significativa ( $\chi^2 = 40,11$ ,  $p < 0,001$ ). Dos que têm entre 36 e 55 anos, 80% escolheram as opções com o pronome *te* (16 das 20 respostas) e 20% escolheram as opções com o pronome *você* (4 das 20 respostas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença é significativa ( $\chi^2 = 7,20$ ,  $p < 0,01$ ). Dos que têm 56 anos ou mais, 75% escolheram as opções com o pronome *te* (6 das 8 respostas) e 25% escolheram as opções com o pronome *você* (2 das 8 respostas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença não é significativa ( $\chi^2 = 2,00$ ,  $p > 0,05$ ).

Já no formulário 2, dos participantes que têm entre 15 e 35 anos, 78,6% escolheram as opções com o pronome *te* (110 das 130 respostas) e 21,4% escolheram as opções com o pronome *você* (10 das 130 respostas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença é significativa ( $\chi^2 = 45,71$ ,  $p < 0,001$ ). Dos que têm entre 36 e 55 anos, 77,8% escolheram as opções com o pronome *te* (28 das 36 respostas) e 22,2% escolheram as opções com o pronome *você* (8 das 36 respostas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença é significativa ( $\chi^2 = 11,11$ ,  $p < 0,001$ ). Dos que têm 56 anos ou mais, 60,7% escolheram as opções com o pronome *te* (17 das 28 respostas) e 39,3% escolheram as opções com o pronome *você* (11 das 28 respostas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença não é significativa ( $\chi^2 = 1,28$ ,  $p > 0,05$ ).

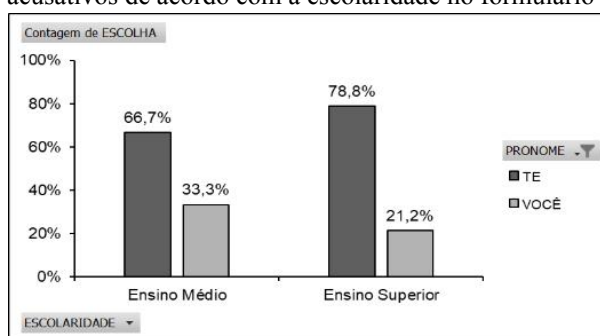
Por fim, vejamos os resultados percentuais quanto à variável escolaridade:

Gráfico 10: índices percentuais da escolha dos pronomes acusativos de acordo com a escolaridade no formulário 1



Fonte: elaboração própria

Gráfico 11: índices percentuais da escolha dos pronomes acusativos de acordo com a escolaridade no formulário 2



Fonte: elaboração própria

Nos gráficos 10 e 11, temos os índices percentuais da escolha dos pronomes acusativos de acordo com a escolaridade informada pelos participantes. No formulário 1, 78,1% daqueles que têm ensino médio completo escolheram as opções com o pronome *te* (50 das 64 respostas) e 21,9% escolheram as opções com o pronome *você* (14 das 64 respostas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença é significativa ( $\chi^2 = 20,25$ ,  $p < 0,001$ ). Daqueles que têm ensino superior completo ou em andamento, 75,9% escolheram as opções com o pronome *te* (82 de 108 respostas) e 24,1% escolheram as opções com o pronome *você* (26 das 108 respostas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença é significativa ( $\chi^2 = 29,03$ ,  $p < 0,001$ ).

Já no formulário 2, 66,7% daqueles que têm ensino médio completo escolheram as opções com o pronome *te* (32 das 48 respostas) e 33,3% escolheram as opções com o pronome *você* (16 das 48 respostas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença é significativa ( $\chi^2 = 5,33$ ,  $p < 0,05$ ). Daqueles que têm ensino superior completo ou em andamento, 78,8% escolheram as opções com o pronome *te* (123 das 156 respostas) e 21,2% escolheram as opções com o pronome *você* (33 das 156 respostas). O teste de qui-quadrado apontou que a diferença também é significativa ( $\chi^2 = 51,92$ ,  $p < 0,001$ ).



## 5.2. Discussão

De modo geral, os resultados globais descritos anteriormente não sustentam a nossa hipótese. Com base nos dados experimentais analisados, não há evidências positivas de que o tipo semântico verbal condicione a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular em posição de acusativo. Como mostramos nos gráficos 2 e 3, os índices de escolha das frases com o pronome *te* foram bastante superiores àqueles observados para as frases com o pronome *você*, independentemente se, nas frases, havia um verbo do tipo ação-processo ou de ação mental.

Além disso, quando analisamos os padrões de escolha dos participantes pelos itens experimentais individualmente, ou seja, levando em consideração cada sentença com cada verbo, constatamos que o padrão observado nos índices gerais se mantém. Desse modo, não podemos atribuir os altos índices de escolha da opção com o pronome *te* à presença de um item verbal em particular, haja vista que, com todos os oito verbos inseridos no experimento, houve predomínio da escolha da variante *te*.

Ademais, observando os resultados relativos às variáveis extralinguísticas *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*, podemos notar que nenhuma delas influenciou significativamente os padrões de escolha dos pronomes de 2SG. Com relação ao *sexo*, nos dois formulários, tanto as participantes mulheres quanto os participantes homens apresentaram padrões de escolha muito similares, apontando, assim, para a não interferência dessa variável independente. Quanto à *faixa etária*, também verificamos padrões de escolha parecidos nas três faixas controladas, em ambos os formulários. Uma possível explicação para este resultado seria o baixo número de participantes desta *faixa-etária*, já que nós não buscamos equilibrar o número de participantes por cada faixa-etária. Por fim, percebemos que o *grau de escolaridade* dos participantes também não influenciou os padrões de escolha observados, visto que todos preferiram as frases com o pronome *te*, independentemente do seu nível de escolarização.

O que esses resultados sugerem? Ainda que traduzam uma exploração preliminar, que precisará ser refinada futuramente, os resultados experimentais obtidos dialogam com a bibliografia existente sobre o tema. Primeiramente, verificamos que os padrões de escolha dos participantes vão ao encontro das pesquisas que analisaram dados de *corpora* diacrônicos (LOPES E CAVALCANTE, 2011; SOUZA E LOPES, 2015) e sincrônicos (PIMIANTA, 2013): apesar das mudanças observadas no quadro pronominal do português envolvendo a forma *você*, o contexto sintático de acusativo/objeto direto segue sendo um ambiente conservador, que preserva a forma mais antiga. Além disso, é interessante sublinhar que a não

atuação de variáveis sociais sobre o fenômeno também vai na mesma direção. O fato de falantes de ambos os sexos, de diferentes faixas etárias e graus de escolarização exibirem as mesmas preferências de escolha parece reforçar ainda mais o uso de *te* em sentenças simples e sugere, tal como já havia constatado Pimienta (2013), que não há estigmas sociais vinculados a essa variante.

Em síntese, a contribuição deste estudo foi testar experimentalmente se o tipo semântico verbal seria uma variável linguística relevante para o fenômeno, uma vez que os estudos revisados não haviam feito nenhum controle dessa natureza. Diante da ausência de evidências positivas em favor dessa hipótese, será necessário explorar outros traços semânticos, a fim de observar possíveis condicionamentos desse nível linguístico.

## 6. Considerações finais

Esta monografia tinha como objetivo investigar a percepção da variação das formas *te* e *você* em posição de objeto direto. Uma vez que assumimos que o fenômeno em estudo está em processo de variação, utilizamos os fundamentos da Sociolinguística Variacionista como embasamento teórico para a feitura deste trabalho. Nossos objetivos foram: i) averiguar como os falantes do Rio de Janeiro percebem as variantes e ii) verificar a existência de fatores que condicionem o processo. Para isso, foi elaborado um experimento de escolha induzida com o objetivo de testar se a variável *tipo semântico do verbo* é uma variável condicionadora.

A escolha de utilizar a metodologia experimental foi muito eficiente para este trabalho, visto que pudemos reunir um número significativo de participantes e aplicar, a distância, um teste confiável que nos permitiu analisar a percepção dos falantes cariocas sobre o fenômeno em estudo. Ademais, ter fundamentado nossa pesquisa nos moldes da sociolinguística foi pertinente, pois nos possibilitou controlar três variáveis independentes sociais e uma linguística.

Com relação aos objetivos inicialmente traçados, é possível afirmar, com base nos resultados, que foram todos cumpridos. Constatamos que as escolhas dos falantes cariocas variaram entre *te* e *você*, como os estudos baseados no uso já apontaram, mas que a forma *te* ainda é a predominante. Além disso, o controle das três variáveis extralinguísticas (*sexo, faixa etária e nível de escolaridade*) e uma linguística (*tipo semântico verbal*) indicou que nenhuma delas condicionou as escolhas dos participantes quanto ao fenômeno em pauta.

A nossa hipótese central, que previa que o tipo semântico do verbo seria uma variável condicionadora para a variação das formas acusativas *te* e *você*, não se confirmou. Nosso argumento para testá-la era que o uso da forma *te* seria favorecido em sentenças com verbos de ação-processo, pois estes selecionam complementos com papel temático paciente e o uso da forma *você* seria favorecido em sentenças com verbos de ação mental. Porém, os resultados mostraram que os índices percentuais de escolha, para cada um dos oito verbos controlados nas duas versões do experimento, seguiram o mesmo padrão de escolha geral, ou seja, o tipo semântico do verbo não foi um fator determinante para a escolha dos falantes.

É importante ressaltar que o fato de a nossa hipótese ter sido refutada não diminui a relevância desta pesquisa para os estudos da variação de complementos de acusativo em perspectiva experimental. Pelo contrário, o resultado deste trabalho salienta que o tema ainda carece de muito estudo, haja vista que conhecemos poucas variáveis independentes condicionadoras do fenômeno em questão.

## 7. Referências bibliográficas

- AFONSO, L. G. P. *O uso de complementos pronominais na tradução de seriados televisivos: um caso de mistura*. 2017. 60 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em Letras: Português/Literaturas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- BORBA, F. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- DUARTE, I. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003, p. 275-321.
- FARACO, C. A. O tratamento "você" em português: uma abordagem histórica. *LaborHistórico*, 3(2), 114-132, jul/dez 2017. doi:<https://doi.org/10.24206/lh.v3i2.17150>
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola editorial, 2008 [1972].
- LOPES, C. R. dos S.; CAVALCANTE, S. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Lingüística*, Madrid, v.25, p.30 – 65, 2011. Disponível em: [http://www.linguisticalfal.org/25\\_linguistica\\_030\\_065.pdf](http://www.linguisticalfal.org/25_linguistica_030_065.pdf).
- LOPES, C. R. GUEDES, D. M. Formas possessivas de terceira pessoa: confrontando seu e dele a partir da abordagem experimental. *Confluência: Revista do instituto de língua portuguesa*, n.58, 1º semestre de 2020 – Rio de Janeiro.
- LUCENA, N. L. de. Relação gramatical objeto direto: a interface entre sintaxe, semântica e pragmática. *Letrônica*, 4(1), 2011, p. 12-30. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7876/6279>.
- GRYNER, H.; OMENA, N. P. A interferência das variáveis semânticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4ª ed., 6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020, p. 89-100.
- PIMIENTA, P. C. S. *La segunda persona de singular en el portugués de Rio de Janeiro: Variación en la relación gramatical de Objeto Directo*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Guadalajara, Universidad de Guadalajara. 2013.
- SCHWENTER, S. A. et al. Experimental evidence for 2SG direct object pronoun preferences in Brazilian Portuguese. In: *Revista Lingüística*. Rio de Janeiro, Vol. 14, n.2, mai-ago 2018, p. 259-290. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/17608/13074>.
- SCHÜTZE, C. T.; SPROUSE, J. Judgement data. In: PODESVA R.; DEVYANI; SHARMA (eds.). *Research methods in linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2013, p. 27-50.
- SOUZA, C. D.; LOPES, C. R. dos S. Estudo histórico do complemento acusativo de 2ª pessoa do singular. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v. 12, n.4, p. 900-914, out/dez 2015.